

Os serviços ampliam a sua participação no PIB dos países, no comércio internacional e nas operações offshore das grandes corporações transnacionais

*Antonio Corrêa de Lacerda*¹

Uma análise do fluxo recente de investimentos diretos estrangeiros (IDE) nos revela transformações significativas. Não apenas no que se refere à sua trajetória, como também a aspectos qualitativos. Os fluxos de IDE caíram pelo terceiro ano consecutivo em 2003, com uma redução de 18% em relação a 2002, ano em que já houvera uma queda de 17%. Esse resultado foi precedido de uma expressiva redução de 41% em 2001, ano que combinou a crise das bolsas norte-americanas, os efeitos dos atentados terroristas de 11 de setembro e as fraudes contábeis nos balanços de grandes empresas.

No entanto, numa perspectiva de médio prazo, o total realizado de IDE em 2003 de R\$ 560 bilhões é um volume que representa o triplo do fluxo de dez anos atrás, no início da década de 1990, que por sua vez equivaleu ao triplo da média da década de oitenta. Ou seja, o processo de internacionalização, aqui medido pelo aumento das atividades das empresas transnacionais no estrangeiro, cresceu substancialmente nas últimas duas décadas.

Esse é um processo que tem provocado uma profunda reestruturação na economia mundial. É cada vez mais intensa a inter-relação entre investimento direto estrangeiro, comércio internacional e inovação. Isso quer dizer que as mesmas empresas responsáveis pelo extraordinário aumento das operações no estrangeiro são também preponderantes no comércio exterior e na geração de patentes. Hoje dois terços do comércio internacional é realizado pro empresas transnacionais, que também são responsáveis por grande parte das inovações.²

A recuperação da economia mundial, que deverá crescer 5% em 2004, vai se refletir positivamente nos fluxos de investimento direto estrangeiro (IDE) e de comércio internacional. Apesar da subida dos juros de curto prazo nos EUA, que aumentaram de 1% ao ano para 1,75% nos últimos meses, fato que já era esperado pelo mercado, a economia norte americana deverá continuar crescendo. A China embora possa vir a diminuir a sua espetacular taxa de crescimento médio anual de 9% nos últimos vinte e cinco anos, também deve continuar a crescer, embora em taxas mais baixas. Da mesma forma Europa amplia seu crescimento e o Japão consolida aos poucos a saída de uma fase prolongada de crise.

¹ Doutor em economia pela UNICAMP, é professor-doutor do departamento de economia da PUC-SP, presidente da SOBEET (Sociedade Brasileira de Estudos sobre Empresas Transnacionais e da Globalização), e autor, entre outros, do livro citado na nota 2. E-mail: <aclacerda@pucsp.br>.

² Ver a respeito Lacerda, A. C. *Globalização e investimento estrangeiro no Brasil*. São Paulo: Saraiva, 2004. cap. 1.

Da mesma forma, embora conjunturalmente o preço do petróleo represente uma preocupação, isso está longe de significar uma mudança substancial no cenário econômico internacional, uma vez que os preços deverão se acomodar, até porque um preço elevado do petróleo, no longo prazo, acaba viabilizando economicamente projetos de energia alternativa em larga escala, o que evidentemente não é do interesse da OPEP.

Assim, salvo algum fato imprevisto, ligado a fatores imponderáveis, como atividades terroristas, por exemplo, a economia mundial deverá continuar um processo de recuperação. No esteio da retomada da economia, os IDE deverão crescer cerca de 8% em 2004 e 2005, impulsionados principalmente pelas operações de fusões e aquisições transfronteira. Da mesma forma, o comércio internacional deverá desenvolver-se em taxas que representam historicamente o dobro do crescimento do PIB mundial, impulsionado pelos acordos regionais de comércio, pelas estratégias de terceirização (*outsourcing*) das empresas transnacionais, e ainda pelo crescimento dos serviços prestados no exterior (*offshore*) .

Aliás, um outro importante fenômeno bastante a ser destacado no processo é o da “terciarização”, ou seja, da ampliação da participação do setor de serviços, que é cada vez mais evidente na economia mundial. Trata-se de uma nova face, uma extensão das grandes transformações provocadas pela globalização.

Do ponto de vista estrutural observa-se um processo de migração das atividades do setor primário (agricultura e pecuária) e secundário (indústria), para o setor terciário (serviços). Tradicionalmente os serviços são considerados como não transacionáveis, já que implicam uma presença local do prestador. As grandes transformações proporcionadas pela telemática (combinação de recursos das telecomunicações com os da informática) têm produzido uma significativa alteração nesse quadro. Nesse ponto, os investimentos diretos estrangeiros representam grandes oportunidades de operações *offshore*, que também ampliam significativamente a sua participação nas exportações dos países. O quadro abaixo (figura 1) traz um resumo dessas transformações, que têm levado a uma nova divisão internacional do trabalho e provocado o acirramento da competitividade para atrair a instalação de plantas, não mais só de manufaturas, mas de prestação de serviços.

FIGURA 1 – *Offshoring* e *outsourcing* – Características

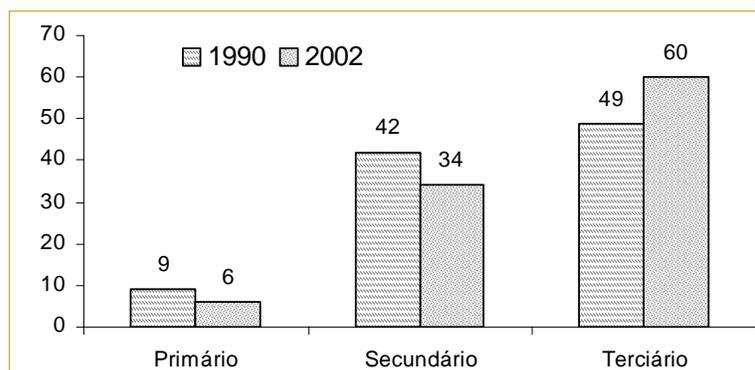
Local de Produção	Produção Internalizada ou Externalizada	
	Internalizada	Externalizada (“outsourcing”)
País Origem	<i>Produção permanece nas instalações de origem</i>	<i>Produção realizada por terceiros no país de origem</i>
País Estrangeiro (“ <i>offshore</i> ”)	<i>Produção por afiliada no exterior, ex.</i> - <i>Centro da Infineon em Dublin</i> - <i>Centro de TI da DHL em Praga</i> <i>Centro Telefônico da British Telecom em Bangalore e Hyderabad</i>	<i>Produção realizada por terceiros no país estrangeiro</i> <i>Para empresa do país estrangeiro, p.e.</i> - <i>A Siemens terceiriza o desenvolvimento de software para uma empresa na Índia</i> <i>Para afiliadas no exterior de outra ETN³, p.e:</i> - <i>Uma empresa norte-americana terceirizando serviços de processamento de dados para a ACS em Ghana</i>

FONTE: Adaptado pelo autor de UNCTAD- *World Investment Report*, 2004.

³ ETN = Empresa transnacional

O setor de serviços já absorve cerca de 60% do estoque global de IDE (de cerca de US\$ 4,4 trilhões) em comparação aos 49% em 1990. Em contrapartida, o setor secundário diminuiu a sua participação de 42% para 34% no mesmo período.⁴ (Ver Figura 2).

FIGURA 2 – Estoque Mundial de IDE recebido por setores de atividade (%) 1990 e 2002



FONTE: UNCTAD. *World Investment Report 2004*.

Esse movimento de terciarização representa desafios, mas também oportunidades para os países em desenvolvimento. Na Índia, por exemplo, mais de 60% das exportações realizadas pelo país estão associadas a serviços de tecnologia da informação (TI), geralmente realizados por filiais locais de grandes corporações transnacionais.

Para o Brasil, esse processo representa igualmente novas oportunidades. Dada a reconhecida criatividade e versatilidade dos técnicos brasileiros, esse diferencial competitivo compensa a vantagem de custo de países como China e Índia, cuja mão de obra custa em média a metade da brasileira. Há uma crescente disputa entre os países em desenvolvimento por investimentos que representem a agregação de valor local, a criação de inovações e a instalação de bases para exportações.

Poucos países, como o Brasil combinam um mercado interno relevante (9^a economia mundial, pelo critério de paridade de poder de compra) a outros fatores de competitividade, como a base industrial localizada, que inclui as filiais de mais de 400 das 500 maiores corporações globais listadas na revista *Forbes*. Há ainda aspectos como a diversificada cadeia de fornecedores locais, e o ambiente institucional das universidades e institutos de pesquisa, observada principalmente em setores de ponta, como tecnologia da informação e telecomunicações.

Há grandes empresas com uma longa tradição de atuação no mercado brasileiro e é preciso ampliar os canais de diálogo de altos escalões do governo com a direção destas empresas, no sentido de influenciar as suas estratégias, especialmente das grandes corporações transnacionais, que implementam estratégias globais.

Embora o custo da mão de obra seja um fator importante, ele por si só não garante o sucesso em um mercado cada vez mais competitivo. Daí a importância de se estabelecer uma estratégia atração e retenção de investimentos. Nesse sentido, o objetivo da nova política industrial brasileira acerta o foco ao definir o setor de *software* como um dos seus principais alvos. O diagnóstico está correto e é preciso agilidade e ênfase nas medidas para fomentar a capacidade competitiva nas áreas de alta tecnologia e valor agregado.

⁴ De acordo com dados do WIR 2004, o *World Investment Report*, da UNCTAD (*United Nations Conference on Trade and Development*)